

Consórcio Setentrional de Educação a Distância  
Universidade de Brasília e Universidade Estadual de Goiás  
Curso de Licenciatura em Biologia a Distância

**A ESCOLA CONTRA A VIOLÊNCIA DE CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES**

ANTÔNIO BATISTA DE SOUSA

Brasília  
2011

ANTÔNIO BATISTA DE SOUSA

**A ESCOLA CONTRA A VIOLÊNCIA DE CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES**

Monografia apresentada, como exigência parcial para a obtenção do grau pelo Consórcio Setentrional de Educação a Distância, Universidade de Brasília/Universidade Estadual de Goiás no curso de Licenciatura em Biologia a distância.

Brasília  
2011

ANTONIO BATISTA DE SOUSA

**A ESCOLA CONTRA A VIOLÊNCIA DE CRIANÇAS E  
ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Biologia do Consórcio Setentrional de Educação a Distância, Universidade de Brasília/Universidade Estadual de Goiás

Aprovada em 11 de junho de 2011

---

Prof. Esp. Roselei Maria Machado Marchese.  
Universidade de Brasília  
Orientadora

---

Prof. Ms. Anne Caroline Dias Neves  
Universidade de Brasília  
Avaliadora

---

Prof. Ms. Fernanda Gomes Siqueira  
Universidade de Brasília  
Avaliadora

Brasília  
2011

Dedico à minha família que foi parceira incondicional nesta longa jornada e que de um modo muito especial contribuiu para que tudo acontecesse.

Agradeço a Deus que me permitiu concluir esta caminhada com saúde e determinação, a minha orientadora Roselei pela sua dedicação e apoio quando necessitei e a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste trabalho.

*“O crescer de um ser humano guarda paralelos marcantes com o desabrochar de uma flor. Requer que se tenha sobre cada etapa, cada dia, cada descoberta, cada aventura, um ouvido pleno de empatia, um olhar carregado de paixão, uma ajuda sem pressa, marcada pela serenidade da ternura”.*

Celso Antune

## **Resumo**

SOUSA, Antonio Batista. **A Escola contra a violência de Crianças e Adolescentes**. 2011.23f. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

A escola, deve ser um dos instrumentos mais importantes na luta contra a violência. É necessário que as crianças conheçam seus direitos e deveres dentro do ambiente escolar para assim, saberem lidar com os diversos tipos de violência. Dessa forma, é necessário que a sociedade esteja consciente do seu papel, juntamente com a escola, para a prevenção contra as situações de violência vivenciadas por muitas crianças e adolescentes, pois nenhuma forma de violência deve ser aceita. Tratar desse assunto requer responsabilidade dos pais ou responsáveis, educadores, familiares, poder público e comunidade em geral. A violência pode se apresentar de várias formas e muitas vezes se apresenta sutilmente que não é percebida, causando depreciação do caráter da criança/adolescente, que conseqüentemente se transforma em traumas, constrangimentos e agressões físicas e psicológicas.

**Palavras chave:** violência, criança e adolescente, escola;

## **Lista de Siglas**

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LDB: Lei de Diretrizes e Bases

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1. Humanização e as necessidades de relações interpessoais.....	11
2.2. Dos tipos de violência.....	12
2.2.1. A importância da família.....	14
2.2.2. O papel da escola e do educador.....	16
3. CONCLUSÃO.....	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

## INTRODUÇÃO

A discussão sobre a violência contra crianças e adolescentes vem se tornando objeto de preocupação de toda a sociedade nos últimos anos. Isso porque na atualidade é perceptível o quanto esse assunto tomou grandes proporções, principalmente no campo educacional.

A escola como espaço social e político precisa incentivar a reflexão sobre a pertinência e relevância da luta contra a violência de forma clara e contextualizada. A função primordial da escola é garantir que seja respeitada a integridade física, moral e psicológica das crianças e adolescentes, principalmente porque a prática educativa requer esse tipo de cuidado.

Este trabalho analisa a importância do combate à violência, tendo como principal parceira a escola. Para entender esse enfrentamento, é preciso conhecer os tipos de violência mais comuns e as possíveis soluções para a resolução desse problema que afeta o cotidiano de crianças e adolescentes.

E é com base em diversas teorias que serão apresentadas, na vivência cotidiana da escola e pela observação da necessidade de melhorar a discussão nesse sentido que se propôs este tema, com o intuito de contribuir com a melhoria do ambiente escolar considerando a escola como a segunda casa das crianças e adolescentes.

## 1. REVISÃO DA LITERATURA

### 1.1 *Humanização e as necessidades de relações interpessoais*

De acordo com Maia (2007), “vivemos tempos delicados e complexos quando tratamos de relações sociais”. O ser humano precisa suprir suas necessidades no campo social, onde busca a convivência com o outro. Essas necessidades sociais determinam o comportamento do ser humano, que sente vontade de pertencer a algum grupo, de ser aceito, de receber carinho e compreensão.

Já para Toledo (1991, p.59)

“A necessidade de participação ou aceitação social é o estágio no qual a pessoa, uma vez superada as necessidades de sobrevivência e segurança, preocupa-se prioritariamente com um relacionamento mais estreito com grupos sociais”.

As relações interpessoais acontecem no lar, na escola, na empresa ou em qualquer lugar onde existam grupos de pessoas que se relacionam entre si e muitas vezes essas relações causam conflitos devido à falta de compreensão entre os grupos, que é um dos aspectos mais importantes dentro das relações humanas.

O comportamento humano se exterioriza através de gestos, palavras e atos que podem representar tendências de sentimentos, desejos, interesses e idéias. Essas reações aparecem como respostas a estímulos provocados pelos indivíduos do meio social em que vive.

Segundo Antunes (2004):

“A escola ao assumir, entretanto, um papel ‘educativo’ e, portanto, ao usar a herança cultural a ser transmitida como instrumento para desenvolver competências, aguçar sensibilidades, ensinar a aprender, animar inteligências, desenvolver múltiplas linguagens, capacitar para viver e, assim, ‘transformar’ o ser humano; as relações interpessoais passaram a ganhar dimensão imprescindível”.(ANTUNES,2004,p. 12).

Assim, pode-se afirmar que as atividades exercidas na escola com a finalidade de promover a construção de um ambiente favorável de respeito mútuo e cooperação, do bom relacionamento das pessoas, são consideradas como positivas porque buscam o envolvimento de todos em práticas educativas, e tanto a escola quanto os responsáveis pela situação somente ganham com tudo isso.

Para Abramovay (2004):

“A construção de um bom clima escolar, por certo, está igualmente pautada no investimento em propostas educativas e em projetos que valorizam aqueles que compartilham o espaço da escola”. (ABRAMOVAY, 2004, p. 93).

## 2.2. *Dos tipos de violências*

Em primeiro lugar, para melhor compreensão é preciso definir o que é violência. De acordo com Mynayo apud Faleiros (2007):

[...] a violência contra crianças e adolescentes é todo ato ou omissão cometido pelos pais, parentes, outras pessoas e instituições capazes de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima. Implica, de um lado, uma transgressão no poder/dever de proteção do adulto e da sociedade em geral e, de outro, numa coisificação da infância. Isto é, uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condições especiais de crescimento e desenvolvimento. (MINAYO apud FALEIROS, 2007, p.31)

Dentre os tipos de violências mais comuns, de acordo com o site do observatório da infância, veículo onde se discutem temas e questões atuais sobre a infância e adolescência, destacam-se os seguintes:

- **Física:** Uso da força ou atos de omissão praticados pelos pais ou responsáveis, com o objetivo claro ou não de ferir, deixando ou não marcas evidentes. São comuns murros e tapas, agressões com diversos objetos e queimaduras causadas por objetos ou líquidos quentes. Lembrando que esse tipo de violência também se apresenta com frequência no ambiente escolar.

Segundo Azevedo e Guerra (1995) Violência física é: “Toda ação que causa dor física numa criança, desde um simples tapa até o espancamento fatal”.

- **Psicológica:** Rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito e punições exageradas são formas comuns desse tipo de agressão, que não deixam marcas visíveis, mas marcam por toda a vida.

Como ressalta Faleiros (2007),

Diferentemente da violência física, a violência psicológica não deixa traços imediatamente visíveis no corpo, mas destrói a auto-imagem do violentado e se manifesta no comportamento da criança ou do adolescente. Essa violência provoca traumas psicológicos que afetam o psiquismo, as atitudes e as emoções, traduzindo-se até mesmo na incapacidade da criança em interagir socialmente dentro das condições consideradas próprias de sua idade, podendo tornar-se passiva ou agressiva. (FALEIROS, 2007, p. 36).

- **Simbólica:** é tão sutil que acontece muitas vezes sem ninguém perceber, como cita Faleiros (2007):

Assim, pode-se definir a violência simbólica como o exercício e difusão de uma superioridade fundada em mitos, símbolos, imagens, mídia e construções sociais que discriminam, humilham, excluem. Outra possível definição é a de que se trata do estabelecimento de regras, crenças e valores que “obrigam o outro a consentir”, pela obediência, dominação ou servidão. (FALEIROS, 2007, p. 33)

- **Sexual:** Abuso de poder no qual a criança ou adolescente é usado para gratificação sexual de um adulto, sendo induzida ou forçada a práticas sexuais com ou sem violência física. De acordo com Faleiros, (2007), “Violência sexual é o abuso delituoso de crianças e adolescentes, em especial de sua sexualidade, negando, inclusive, o direito das crianças e adolescentes a sua sexualidade em desenvolvimento”.

O abuso sexual dentro da família pode incluir tanto o pai biológico ou os padrastos quanto quaisquer outras figuras masculinas em que a criança deposita confiança e para as quais têm algum poder ou autoridade sobre ela pode estar incluídos namorados da mãe, tios, avós, amigos do sexo masculino próximo da família assim irmãos mais velho. Pessoas do sexo também abusam de crianças dentro da família. (SANDERSON, 2005, p. 79).

- **Negligência:** Ato de omissão do responsável pela criança ou adolescente em prover as necessidades básicas para o seu desenvolvimento.

Sanderson (2005) diz que:

Negligência é o fracasso constate em satisfazer as necessidades físicas e/ou psicológicas de uma criança o qual pode resultar em deterioração séria da saúde ou do desenvolvimento da criança. Pode envolver a falha de um pai ou responsável em fornecer comida, abrigo ou roupas adequadas ou proteger uma criança de danos físicos ou perigos ou fracasso em garantir acesso a cuidados médicos ou tratamento apropriado, pode também incluir negligencia

ou indiferença em relação às necessidades básicas da criança. (SANDERSON, 2005, p.5).

- **Bullying:** é o uso do poder ou da força para intimidar ou perseguir os outros na escola (*school place bullying*) ou no trabalho (*work place bullying*). As vítimas dessa intimidação repetida e recorrente são normalmente pessoas que sem defesas são incapazes de motivar outras para agir em seu apoio. Na atualidade, esse tipo de violência se tornou o centro das atenções.

Na escola, é preciso fazer um grandioso trabalho de conscientização das conseqüências do *bullying*, porque existem crianças que não querem mais nem chegar perto da escola com medo de ser maltratada pelos colegas. Isso é uma realidade que precisa de intervenção com urgência, pois como afirma Neto (2005):

“O envolvimento de professores, funcionários, pais e alunos é fundamental para a implementação de projetos de redução do bullying. A participação de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de bullying, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro”. (NETO, 2005 p.6).

Neto (2005), ainda enfatiza que a violência se tornou caso de “saúde pública” e cada vez mais está crescendo no mundo, afetando principalmente a vida social. Nesse sentido, exige-se que haja mudanças de postura dos educadores e da sociedade em geral, pois a mudança de hábitos é um trabalho amplo e complexo, onde precisam ter capacidade de criar e adaptar as situações inusitadas do cotidiano escolar em oportunidades de aprendizagem. A escola deve ser um espaço de aprendizagem e não de disseminação de violência.

Neto (2005) ainda explicita:

“O comportamento violento, que causa tanta preocupação e temor, resulta da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade. Infelizmente, o modelo do mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde há violência, sofrimento e medo”. ( NETO, 2005 p. 2).

### 2.2.1. A importância da família

A relação entre família e escola é alvo de constantes discussões e diante dos novos modelos de família constituídas ao longo dos anos e a confusão de papéis entre as duas instituições. A aprendizagem fica prejudicada e o sucesso escolar das crianças fica comprometido. Assim, faz-se necessária a busca por soluções onde família e escola trilhem junto o mesmo caminho, garantindo aprendizagem significativa e favorecendo o sucesso do aluno durante toda sua vida, dentro e fora da escola. As mudanças de obrigações no campo familiar causaram grandes conseqüências, tornando as crianças e adolescentes cada vez mais vulneráveis e vítimas de violência.

Neste sentido, Tedesco (2002), afirma:

“Essa erosão do apoio familiar não se expressa só na falta de tempo para ajudar as crianças nos trabalhos escolares ou para acompanhar sua trajetória escolar. Num sentido mais geral e mais profundo, produziu-se uma nova dissolução entre família e escola, pela qual as crianças chegam à escola com um núcleo básico de desenvolvimento da personalidade caracterizado seja pela debilidade dos quadros de referência, seja por quadros de referência que diferem dos que a escola supõe e para os quais se preparou”. (TEDESCO, 2002, p.36).

De acordo com várias teorias já estudadas, a família sempre foi considerada como o primeiro grupo com o qual a pessoa convive e a escola se torna o segundo espaço de convivência. Observando a realidade vivenciada atualmente na escola durante o estágio, percebe-se que os papéis se invertem causando um grande desinteresse da família no que diz respeito à educação dos filhos. Se a família demonstrar interesse e curiosidade em relação ao que acontece no dia-a-dia da sala de aula de suas crianças e reforçarem a importância do que está sendo aprendido, além de estar dando uma enorme contribuição para o sucesso da aprendizagem, estará de mãos dadas com a escola na luta contra a violência. Mas, infelizmente essa relação família/criança tem deixado muito a desejar, onde muitas vezes, a família se torna o palco principal de violência. Essa discussão se amplia cada vez mais quando é discutida a importância que a família representa na vida das crianças e adolescentes.

Na visão de Silva (1997):

Muitas vezes, ao tentar fugir dos padrões autoritários, a família não consegue estabelecer novos padrões e limites na educação dos filhos. Na fase da adolescência, a ausência de clareza, a desorientação, enfim, torna-se um complicador para os jovens. A total liberdade, que a família assegura aos seus filhos, acaba levando-os à perda de referências significativas, complicando seu desenvolvimento e amadurecimento psicológicos. (SILVA, 1997, p. 11).

A criança que presencia atos de violência acaba aceitando a mesma como algo normal. E adequar tal crueldade a sua realidade. O problema é que pelo que ela vivenciou, ela será também influenciada a agir de tal forma. Então é de responsabilidade dos pais ou responsáveis, educar resolvendo seus conflitos de forma saudável, através do respeito mútuo e do diálogo, sem partir para nenhuma forma violenta como solução.

No mundo das desigualdades em que vivemos, é preciso que essa problemática seja analisada para ser superada. A família necessita encontrar apoio que oportunize uma mudança de mentalidade e de ações para melhoria dessa realidade tão difícil. Desenvolver na família a consciência de resgatar os valores perdidos é uma das ações primordiais da escola atualmente.

Segundo Garrido de Paula (2011):

A primeira entidade que eu devo procurar, ou uma criança deve procurar quando um direito estiver violado ou ameaçado de violação (na ameaça de violação já é necessário prevenir a ocorrência do dano), é a família. Nós devemos ensinar às nossas crianças que a primeira proteção vem da família. Às vezes contar para o pai ou para a mãe sobre agressões aos direitos nos leva a possibilidades de encontrar soluções, ou caminhos de solução, do problema.

### *2.2.2.O papel da escola e do educador*

De acordo com Abramovay (2003), os estudantes vêm a escola tanto como “uma via de acesso ao exercício da cidadania”, ou um “mecanismo de exclusão social”. Isso deve ser levado em consideração, uma vez que a escola precisa ser vista como um mecanismo de inclusão social.

Libâneo (2003) destaca a importância da escola:

“As escolas são, pois, organizações, e nelas sobressai a interação entre as pessoas, para a promoção da formação humana. De fato, a instituição escolar caracteriza-se por ser um sistema de relações humanas e sociais com fortes características interativas que a diferenciam das empresas convencionais. Assim, a organização escolar define-se como unidade social que reúne pessoas que interagem entre si, intencionalmente, operando por meio de estruturas e de processos organizativos próprios, a fim de alcançar objetivos educacionais” (...). (LIBÂNEO, 2003, p. 316-317).

A escola é capaz de favorecer o entendimento das relações de convivência e comportamento, promovendo uma reflexão profunda para combater o preconceito vigente em toda a sociedade, pois mesmo com uma legislação que defende a igualdade de direitos, a prática da discriminação ainda é freqüente no dia-a-dia.

Assim a escola se torna mediadora do entendimento dessas relações, refletindo criticamente sobre o tratamento dado às pessoas que fazem suas escolhas no ambiente escolar e em todos os espaços de convivência social.

Garrido de Paula (2011) esclarece:

A escola, onde o professor trabalha honestamente, no seu dia-a-dia, tem um papel muito grande, que vai além dos limites de fornecer conhecimentos e habilidades. Não raras vezes é o professor que toma conhecimento das tragédias que se abatem sobre crianças e adolescentes na própria casa ou fora dela. Por isso, nessa rede de proteção, a escola tem uma importância extraordinária. A escola tem que ser capaz de ouvir a criança, de não tratá-la única e exclusivamente como aluno, mas como ser humano, ouvindo as suas preocupações. (...) A escola, da mesma forma, não deve olhar somente para o aluno, mas para a criança e o adolescente que está ali e, conseqüentemente se preparar para esta demanda. A segunda entidade de reclamação é a escola.

Dentro do ambiente escolar a comunidade pode ser mobilizada para o respeito à diversidade humana, o reconhecimento das desigualdades quanto às manifestações afetivas, tornando mais uma vez a escola como um espaço de promoção dos valores humanos.

A educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania, necessita criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz do diálogo satisfazendo a necessidade pessoal de cada aluno, ações efetivas do cotidiano, à transmissão e busca de informação ao exercício da reflexão.

Para Guimarães (2009),

“É neste ambiente que crianças e adolescentes entram em contato com um conjunto de valores diferentes daqueles de sua família. É aqui que, via de regra, deverão aprender a viver em sociedade, tendo noções do coletivo, da convivência harmônica e democrática”. (GUIMARÃES, 2009, p. 2).

Para isso, é necessária a preparação do professor para contemplar as vivências pessoais e coletivas, independente da forma que surgirem, lembrando sempre que é necessário o equilíbrio, para não haver divisões no que é realizado dentro da escola.

O Estatuto da Criança e do Adolescente afirma as obrigações da família, da comunidade e da sociedade em geral, bem como dos poderes instituídos sobre a necessidade de assegurar a criança e ao adolescente todos os direitos referente a vida, a saúde, a alimentação, a educação, ao esporte, lazer, profissionalização, cultura, dignidade, respeito, liberdade e convivência familiar e comunitária, bem como traz destaques sobre a educação de um modo geral. O artigo 3 destaca:

“A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-lhes por lei, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade”. (ECA, 1990, Art.3, p. 1)

É com o educador que a criança passa uma grande parte do seu dia, isso faz dele responsável de cuidar também da integridade física e psicológica da criança e de sua formação social, pois ele tem a chance de analisar e buscar resguardar os direitos da criança e do adolescente.

Sanderson (2005), diz que “em média, os professores passam mais tempo com a criança do que quaisquer outros adultos, até mesmo os pais. Isso os coloca em uma posição única para conhecer a criança e acompanhar suas mudanças de comportamento”. Ou seja, por estar em contato direto com o aluno, o professor têm mais possibilidades de descobrir se situações de violência estão acontecendo. Além de tudo, a maioria dos alunos deposita uma confiança extrema em seus professores.

A reflexão do papel da escola e do professor, de acordo com o que afirma Paro (1997), é de fundamental importância para o sucesso da comunidade escolar:

“A participação da comunidade na escola, como todo processo democrático, é um caminho que se faz ao caminhar, o que não elimina a necessidade de se refletir previamente a respeito dos obstáculos e potencialidades que a realidade apresenta para a ação”. (PARO, 1997, p.17- 18).

No ambiente escolar, o educador precisa estar atento, detectando e notificando os casos ou suspeitas de maus tratos contra crianças e adolescentes às autoridades responsáveis. Isso pode ajudar muito no processo de eliminação das violências. Quanto mais cedo houver denúncias, os culpados podem ser autuados e as crianças terão oportunidade de recuperar dos traumas sofridos e reconstruir a vida com

novas expectativas. É uma situação complexa que exige compromisso e seriedade de todos os envolvidos.

Não basta garantir um espaço na sala de aula e promover a integração com os colegas. É preciso que a escola democraticamente abrace essa causa e busque alternativas de enfrentarem juntos os desafios da luta contra a violência. Toda a comunidade escolar interna e externa deve aderir a esse trabalho. Todo esse processo está diretamente relacionado ao sucesso da prática pedagógica que depende do trabalho de integração realizado, criando propostas de combate à violência que permitam uma educação para todos com qualidade e aconteça efetivamente em todos os espaços educacionais e na sociedade.

É um trabalho conjunto onde todos precisam ser conscientes de sua atuação frente aos problemas de violência como descrito no Estatuto da Criança e do Adolescente, Artigo 245:

“Deixar o médico, professor, ou o responsável por estabelecimento de atenção a saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar a autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescentes: pena multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência”. (ECA, 1990, Art.245, p.53)

A escola tem um papel fundamental no processo de promoção da luta contra a violência. É preciso analisar as situações presentes no cotidiano escolar para atuar de forma que possibilite atender às singularidades.

A escola tem a função de educar, orientar e esclarecer, para evitar as conseqüências da falta de informação que muitas vezes contribuem para aumentar o preconceito e a “classificação”. Então, é possível romper com as desigualdades que tanto prejudicam as pessoas na sociedade atual. É preciso cultivar o respeito à intimidade e à vida pessoal de cada um.

O papel da escola é orientar as escolhas e gerenciar os conflitos para que a violência não faça parte da vida das crianças e adolescentes. Sendo assim, a escola se torna cada vez mais o espaço demográfico que promove a discussão responsável, possibilitando o respeito às diferenças e combatendo a discriminação e os diversos tipos de violência.

A comunidade escolar pode trabalhar de forma diferenciada para amenizar a questão da violência tanto no âmbito escolar, quanto fora dele. Através de projetos

diversificados, os educadores podem juntamente com as famílias traçar formas de combate contra a violência.

Deverá ainda proporcionar a sociabilidade e a interação, derrubando as diversas formas de preconceito e exclusão, como explicita a Declaração de Salamanca:

“A tendência da política social durante as duas últimas décadas foi a de fomentar a integração e a participação e de lutar contra a exclusão. A integração e a participação fazem parte essencial da dignidade humana e do gozo e exercício dos direitos humanos. No campo da educação, essa situação se reflete no desenvolvimento de estratégias que possibilitem uma autêntica igualdade de oportunidades”... (UNESCO, 1994, p. 11).

### 3. CONCLUSÃO

Após essa reflexão sob o olhar da escola foi possível perceber que a luta contra a violência de crianças e adolescentes depende de vários fatores para acontecer de maneira efetiva, dentre eles, o empenho da comunidade escolar, família e sociedade como um todo e dos investimentos do poder público. Portanto, conclui-se que, não é uma tarefa tão simples, mas é possível.

Este estudo foi uma oportunidade para refletir sobre o papel da escola, do professor em sala de aula e do poder público frente a este grande problema que afeta a nossa sociedade. O que foi observado durante a própria passagem pelo meu estágio é que o comportamento das crianças e adolescentes da época atual é completamente diferente de datas passadas e não muito distantes. E a maior parte de violência sofrida pelas crianças partia dos seus próprios pais, que seguindo modelos antigos de criação, nos seus entendimentos, o tipo de comportamento de seus filhos era regulado através de violência. Quando uma família, tinha em seu lar descendente com surdez ou mesmo com uma síndrome, já era motivo para excluir esse indivíduo do leito da família e do convívio social, ou seja, era considerado um bobo ou um doido. Hoje em dia, já não temos esse problema, pois as escolas já possuem em sua metodologia pedagógica o processo de inclusão social, que coloca crianças e adolescentes dentro do convívio familiar e social. Muitas famílias buscam ajuda profissional, ao invés, da agressão aos seus filhos. É mais uma relação de respeito, que antes era medo.

Percebe-se que a escola com todos os seus segmentos ainda precisa buscar meios e parcerias mais eficientes para o combate à violência. Portanto, é necessário que os gestores tomem consciência da importância da prevenção da violência, do bom relacionamento no ambiente escolar, para proporcionar a todos da comunidade escolar o conhecimento dessas relações e a busca incessante para melhorá-las. Contudo, é importante ressaltar o quanto é fundamental um olhar diferenciado, o trabalho com a parceria da família e comunidade.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O combate à violência se faz cultivando a paz na família, na escola e em todos os lugares por onde andamos. É possível então entender a cultura da paz.

Daí, a escola se torna mediadora do entendimento dessas relações, refletindo criticamente sobre o tratamento dado às pessoas que fazem suas escolhas no ambiente escolar e em todos os espaços de convivência social.

Para que o processo de luta contra a violência aconteça da forma prevista na LDB, na Constituição Federal, no Estatuto da Criança e do Adolescente e em todos os documentos que defendem e promovem a dignidade humana em geral, é necessário que haja mobilização de todos os envolvidos no processo educacional, bem como da família e a sociedade.

É um desafio que só se torna possível quando todos os envolvidos se sentem co-responsáveis pelo trabalho. A escola como organização social tem a função de estabelecer e promover mudanças que priorizem o respeito à diversidade e a dignidade, favorecendo a vivência da cidadania, lutando contra toda forma de preconceito, violência e discriminação. Uma escola que luta contra a violência busca a qualidade e se torna a maneira concreta de acreditar que a educação é o caminho mais seguro para que todas as mudanças sejam possíveis através de um trabalho aberto, inovador e articulado.

De acordo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mesmo se existe dúvida, a denuncia deve ser levada aos órgãos competentes, pois o educador, a família e a sociedade em geral tem obrigação de denunciar e a opção de ajudar. Para isso, é necessário ter conhecimento e agir de maneira discreta e cautelosa desde a abordagem da criança até a denúncia.

## 5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). *Escolas inovadoras: experiências bem sucedidas em escolas públicas*. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação, 2004.

ANTUNES, Celso. *Relações interpessoais e auto-estima: a sala de aula como um espaço do crescimento integral*. Fascículo 16. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

AZEVEDO, M. A. & GUERRA, V.N.A. *Violência Doméstica na Infância e na Adolescência*. SP: Robe, 1995.

BRASIL. *Constituição de República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado, 1988.

*Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA*: Lei federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Goiânia: CEDCA, 2010, 172p.

FALEIROS, Vicente de Paula.FALEIROS,Eva Silveira. Disponível em: [http://www.seed.se.gov.br/arquivos/Salve\\_Escola\\_que\\_Protege.pdf](http://www.seed.se.gov.br/arquivos/Salve_Escola_que_Protege.pdf), acesso em 10/03/2011.

FERRARI, Dalka C. A., VERCINA, Tereza C. C (orgs) *O Fim do Silêncio na Violência Familiar: Teoria e prática*. São Paulo: Ágora, 2002.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

GORCZEVSKI, Clovis. TAUCHEN, Gionara. *Educação em direitos humanos: para uma cultura da paz*. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2760/2107>, acesso em 15/03/2011.

GUIMARÃES, Janaína Rosa. *Violência escolar e o fenômeno 'bullying'. A responsabilidade social diante do comportamento agressivo entre estudantes*. <http://jusvi.com/artigos/41126> acesso em 12/03/2011.

LIBÂNEO, José Carlos. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Docência em Formação).

MINAYO, M. C. S. (Org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAIA, Robson Borges.GASPARIN, João Luiz. *As armadilhas da relação Família-Escola no processo de institucionalização do modelo escolar*. Disponível em: [http://www.alb.com.br/anais16/sem07pdf/sm07ss05\\_08.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem07pdf/sm07ss05_08.pdf) acesso em 15/03/2011.

NETO, A.A Lopes. *Bullying – comportamento agressivo entre estudantes*. J Pediatr (Rio J). 2005; 81(5 Supl):S164-S172. <http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-158.pdf> acesso em 20/03/2011.

PARO, Vitor Henrique. *Administração escolar: introdução crítica*. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

SANDERSON, Christiane. *Abuso Sexual em Crianças*. São Paulo: M Books do Brasil, 2005.

SILVA, Aida Maria Monteiro. *A violência na Escola: a percepção dos alunos e professores*. Disponível em [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_28\\_p253-267\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p253-267_c.pdf) Acesso em 19/04/2011.

RUA, Maria das Graças. ABRAMOVAY, Miriam. *Violência nas Escolas*. Brasília: UNESCO, 2003.

TEDESCO, J. C. *O novo pacto educativo: Educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*. São Paulo: Ática, 2002.

TELES, Antonio Xavier. *Psicologia Moderna*. 34ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

TOLEDO, Flávio de. *O que são Recursos Humanos*. 8. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1991.

UNESCO, *Declaração de Salamanca: sobre princípios políticos e prática em educação especial*. Disponível em: <<http://www.regra.neteducacao>>. Acesso em: 20/03/2011.

CECRIA. Centro de Referência Estudos e Ações Sobre Crianças e Adolescentes. [www.cecria.org.br](http://www.cecria.org.br).

Sites pesquisados:

[http://www.observatoriodainfancia.com.br/rubrique.php3?id\\_rubrique=19](http://www.observatoriodainfancia.com.br/rubrique.php3?id_rubrique=19)  
Acesso em: 16/03/2011.

[http://ecanaescola.fundacaotelefonica.com/ckeditor\\_assets/attachments/991/aula\\_paulo\\_afonso\\_garrido\\_completa.pdf?1304991083](http://ecanaescola.fundacaotelefonica.com/ckeditor_assets/attachments/991/aula_paulo_afonso_garrido_completa.pdf?1304991083), acesso em 13/05/2011.